

RESPOSTA DE PUTIN AOS COMENTÁRIOS DE TRUMP

Por Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Trump impõe prazo à Rússia sobre a guerra na Ucrânia e ameaça sanções; destaca-se a ofensiva russa, avanços no campo e um acordo comercial EUA-UE que confirma a submissão europeia, enquanto reportagens indicam que a Rússia alcançou seus objetivos.

Trump dá a Putin 10 ou 12 dias para resolver a guerra na Ucrânia ou enfrentar sanções na forma de tarifas", disse o jornal *El País*, e quase todos os meios ocidentais. O Kremlin não parece gostar dos últimos e divertidos movimentos do presidente Donald Trump. Com o único objetivo da especulação mundial de alimentação do lobby de armamento americano controlado pelas altas finanças, Trump primeiro saudou com grandes sorrisos o secretário-geral da OTAN, Mark Rutte, um dos propulsores do golpe de estado de 2014 em Kiev com seu amigo George Soros, e depois informações ambíguas sobre os mísseis ATAMCS foram vazadas.

De acordo com nossa análise, a Rússia lançou uma operação militar devastadora, chamada Ciclone 3, segundo relatos na mídia: "O Kremlin está planejando um 'Armagedom Aéreo', um ataque a todo o território da Ucrânia antes da chegada dos mísseis Patriot dos Estados Unidos." A operação começou com uma salva de mais de 500 drones para saturar as defesas aéreas. Posteriormente, atacaram com mísseis Iskander e Dagger contra objetivos camuflados, como aeródromos, centros de treinamento em Krivoy Rog e hangares subterrâneos em Odessa.

NA FRENTE

Situação na frente nos primeiros dias de agosto de 2025, de acordo com o Ministério da Defesa da França. Situação geral:

- No solo, as Forças Armadas da Federação Russa (FAFR) continuam a avançar em ritmo lento, mas constante, fazendo esforços nos setores de Pokrovsk e Ivanovka na frente oriental. Na frente norte, no setor de Sumy e na frente sul, no setor de Orehov, as FARF procuram imobilizar as Forças Armadas da Ucrânia (FAU) com ganhos territoriais mais limitados. Por outro lado, as FAU continuam realizando contra-ataques em toda a frente para interromper o avanço das FAFR.
- No ar, as FARF alternam entre ataques contra locais ao longo da frente e contra o complexo industrial militar nas áreas mais remotas do país.
- Frente Norte (Sumy): Alguns avanços das FAFR.
- Frente Oriental (Kupyansk-Pokrovsk): Os combates continuaram contra os avanços russos em vários setores (Lyman, Kupyansk, Kosyantynivka, Ivanovka e Pokrovsk). Como resultado das ações ofensivas na direção de Kramatorsk-Druzhkivka, unidades do Grupo de Forças Yug libertaram Chasov Yar (República Popular de Donetsk) em 31 de julho de 2025. Sua importância reside no fato de fazer parte do núcleo principal do sistema defensivo do Exército ucraniano na região.
- Frente Sul (Zaporizhzhia-Kherson): Vitórias das FAFR foram registradas nas proximidades de Orehov.

REALISMO PURO

“A Rússia já alcançou seus objetivos” na Ucrânia e, por esse motivo, o líder russo Vladimir Putin deve reconhecer que *“é hora de cantar a vitória”*. Isso é claramente escrito pela prestigiada revista americana *The National Interest*, em um artigo de Thomas Graham, membro distinto do Conselho de Relações Exteriores e autor do livro *Getting Russia Right*.

A respeito disso, e diante da Névoa da Guerra 2.0, existem duas hipóteses: ou a propaganda “Putiniana” também permeou o Conselho de Relações Exteriores e um autor como Graham — ou alguns analistas — são mais realistas e lúcidos do que os atlantistas em geral, que, em geral, foram completamente humilhados por Donald Trump na frente tarifária.

Em relação às tarifas, o jornalista Tyler Durden, em 28 de julho de 2025, nos diz: “Após conversas importantes na Escócia entre o presidente Donald Trump e a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, ambas as partes chegaram a um acordo histórico que estabelece um tarifa americana de 15 % dos produtos da União Europeia (esclarecimento: Tyler Durden é o personagem do filme *Clube da Luta*; deve ser um pseudônimo, mas a informação é válida).

Essa nova taxa é significativamente menor que o imposto de importação de 30% com o qual Trump havia ameaçado anteriormente, e a UE também prometeu abrir seus mercados para certas exportações dos EUA sem tarifas. Von der Leyen declarou

posteriormente: “Quero agradecer pessoalmente ao presidente Trump por seu compromisso e liderança em alcançar esse avanço. Ele é um negociador tenaz, mas também um especialista em negociação.”

É importante citar jornais como o *Financial Times* (“A Europa se rendeu”) ou o *Politico* (“Trump conseguiu o que queria”).

O agora famoso acordo estipula que a Europa pagará: tarifas aduaneiras de 15%, em comparação com a média anterior de 3% (mas para metais industriais, especialmente aço e alumínio, a tarifa permanecerá a mesma de antes, 50%, o que enfureceu os industriais alemães); além disso, a UE se compromete a investir 600 bilhões de dólares nos EUA, a comprar 750 bilhões de dólares em recursos energéticos dos EUA (principalmente gás natural liquefeito) por três anos em aumentos de 250 bilhões de dólares por ano e a comprar centenas de bilhões de dólares em armamento dos EUA (o número exato ainda não foi especificado).

Este acordo, para falar claramente, materializa a submissão total (política, de fato) da União Europeia ao Grande Irmão da América.

O Kremlin reagiu, com expressões do ex-presidente russo e atual vice-presidente do Conselho de Segurança do país, Dmitri Medvedev, zombando da essência da UE por assinar um acordo que, segundo ele, beneficia apenas os Estados Unidos e deixa a Europa para trás, apresentando-a como um parceiro menor “humilhado”. Ele também descreveu o acordo “antirrusso”.

Outra luz amarela: de acordo com sua revisão de todas as tropas estacionadas no mundo, os Estados Unidos poderiam reduzir suas forças em 30 % na Europa, de acordo com fontes próximas ao Pentágono citado pelo *Politico*. O presidente Trump já anunciou sua intenção de reformar seriamente a estratégia e a presença militar dos Estados Unidos, e as conclusões finais da revisão de posicionamento global devem ser publicadas em setembro.

DECLARAR VITÓRIA

Voltando ao artigo de Graham, *Por que Putin deve declarar a vitória na Ucrânia agora?*, de 28 de julho de 2025, para quem há um “custo incrível em vidas humanas e materiais” para a Rússia, com “mortos e feridos que já excedem o milhão”. No entanto, o acadêmico reconhece que Moscou desfruta de uma “vantagem geral no campo de batalha” e a capacidade das forças russas de atacar “infraestrutura crítica, indústrias de defesa e as principais cidades ucranianas, movendo-se lenta mas seguramente para as linhas de frente mais profundas da Ucrânia”.

Graham argumenta que a Rússia já alcançou a maioria de seus objetivos na guerra contra a Ucrânia e que a continuação do conflito poderia enfraquecer o país no contexto da competição global entre grandes poderes. Em sua análise, Graham pede a Moscou que considere declarar a vitória para preservar seus recursos estratégicos.

A RÚSSIA E SUAS REALIZAÇÕES NA UCRÂNIA

Graham se lembra dos objetivos delineados por Vladimir Putin há um ano: bloquear a entrada da Ucrânia na OTAN, obtendo reconhecimento pela anexação de cinco

províncias ucranianas, desmilitarização do país, e obter o levantamento das sanções ocidentais. Mas qual é a situação atual? De acordo com Graham: *“A Ucrânia não se juntará à OTAN em um futuro próximo.”* Desde a crise da Crimeia de 2014, os Estados Unidos e seus aliados europeus demonstraram seu alívio para arriscar um conflito direto com a Rússia para defender a Ucrânia.

“Eles ainda não estão prontos para se comprometer com isso admitindo a Ucrânia na aliança”, enfatiza ele. Em termos territoriais, a Rússia atualmente controla aproximadamente 85% da Ucrânia que anexou formalmente. *“A ponte terrestre que atravessa o mar de Azov em direção à Crimeia é praticamente inexpugnável”*, diz o acadêmico. Embora Kiev se recusa a reconhecer o controle russo sobre esses territórios, admitiu que não pode reconquistá-los pela força. Enquanto isso, o Ocidente, segundo Graham, aprenderá a aceitar essas *“realidades territoriais”*, como Putin as chama, como aconteceu com a anexação soviética dos Estados Bálticos durante a Guerra Fria.

Esses conceitos expressos no artigo acima mencionado, nos lembram de algo que repetimos no Velho General: uma ideia que está presente em tratados militares clássicos como *A Arte da Guerra* de Sun Tzu e outros, onde se enfatiza que a conquista de território, a destruição das forças inimigas e a imposição da vontade sobre o adversário são elementos essenciais para o resultado de um conflito.

Não basta ter uma estratégia brilhante, uma tecnologia inovadora ou superioridade numérica se isso não se traduzir em resultados efetivos no campo de batalha. Além disso, a guerra não é vencida apenas com discursos ou planos estratégicos, muito menos simplesmente com relatos na mídia e nas redes. Embora o planejamento, a guerra cognitiva e a diplomacia sejam importantes, a guerra é finalmente decidida no confronto físico.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
